

Alcides Buss e sua pequena enciclopédia de espantos

Hildeberto Barbosa Filho*

Sabemos tantas coisas e tantas coisas não sabemos. É dessa constatação, aparentemente óbvia, que o poeta Alcides Buss, numa espécie de investigação de cariz socrático, tece os fios de um surpreendente macrotexto, em *Saber Não Saber* (Florianópolis, Caminho de Dentro Edições, 2009).

Macrotexto, sim, porque cada poema, num total de 65, pode ser lido isoladamente dentro de sua autonomia sintática e semântica, embora constitua parte essencial de um todo homogêneo, também dotado de soberania significativa, estrutural e estética. Coisas da *ars poética*: um poema só que são muitos, pesar de moldados em fatura única, cerrada, coesa e coerente para com o apelo imprescindível da ideia, do ritmo e da imagem. Salvo engano, tenho aqui os constituintes básicos do macrotexto, conceito criado por Maria Corti, citada muitas vezes por Vitor Manuel de Aguiar e Silva, em sua sempre útil *Teoria da Literatura*.

“Sabemos um pouco / de tudo. Por exemplo, / que a terra baila / no espaço. Não sabemos, / porém, da inspiração / que permeia os pássaros” (p.13). Eis o ponto de partida de uma viagem ao mesmo tempo lírica e reflexiva, tocada, quase sempre e à maneira de um modelo interno, pelo contraste entre o concreto e o abstrato, o físico e o metafísico, o previsível e o imponderável, enfim, entre o real e a fantasia, o dado e a possibilidade. Observe-se, por exemplo, o poema XIII (p. 37): “Sabemos rasgar / a pétala rósea, / turvar a ternura, / desdizer o amor. / Não sabemos, porém, / livrar-nos / da tangência de Deus / em nossos ossos”.

Vejo que nos versos do poeta da Ilha de Santa Catarina, a sabedoria é pensada mais no plano da ausência e do impresentido, na convicção de que todo saber é limitado, pois infinita mesma é a ignorância, para me valer de uma frase de Clarice Lispector. Nosso saber não se sustenta no que sabemos, mas sobretudo no que não sabemos. Se a lógica racional tão cara ao discurso científico assim não se impõe, a translógica poética, com sua insólita gramática de surpresas e sortilégios, se firma precisamente (se é que existe ideia de precisão no território da poesia!) nesse estranho postulado. Por isto, nos ensina (há alguma pedagogia na dicção poética?) Alcides Buss, em seus movimentos líricos: “(...) que ferrugens já assaltam / os tímpanos / de nossa estreita / servidão” (p. 59); que “Não sabemos, porém, / de onde vem essa neblina / que turva o silêncio / das palavras dormindo” (p. 61); que “Só não sabemos / que laços são estes / que nos unem à música / das nuvens e do barro” (p. 65) e que “Não sabemos, porém, / que húmus é este / - em nossos pés e mãos - / que faz crescer de verdade / essas raízes / do absurdo” (p. 77).

Octavio Paz inicia o *Arco e a Lira*, dizendo que a “poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono”. Ora, tais palavras, na sua generalidade contemplativa, refletem bem a singularidade da poesia de Alcides Buss, em especial no livro em tela. Fôssemos interpretá-lo, diria que aqui se organiza, dentro do espírito de síntese da mais genuína poesia, um pequeno tratado cognitivo acerca do invisível, espécie de pequena enciclopédia de espantos, glossário do intangível e do imponderável que nos remetem para a secreta respiração das coisas e suas luzes ocultas que nunca se apagam. Isto salva o leitor dos automatismos perceptivos da rotina, revela os poderes da palavra poética e faz com que ele (o leitor) se abandone ao labirinto da poesia, seduzido, referindo ainda Octavio Paz, pelo seu tempo e ritmo perpetuamente criador.

- Hildeberto Barbosa Filho é crítico literário, doutor em literatura brasileira e professor da Universidade Federal da Paraíba. Texto publicado no Diário Catarinense, *Caderno de Cultura*, em 27.3.2010.